

## UM PERfil DE HISTORIADOR-HUMANISTA

A obra historiográfica de Joaquim Veríssimo Serrão (1925-2020), meu Pai, cujo centenário do nascimento decorre a 8 de Julho, tem merecido justo destaque científico pelo facto, unanimemente reconhecido, de ter contribuído para inovar a metodologia de pesquisa e as bases teóricas da disciplina da História-Ciência. A sua sólida formação nos princípios franceses da ‘école des Annales’ (Marc Bloch, Lucien Febvre) permitiu-lhe definir uma visão da História ancorada tanto nos microcosmos regionais e locais, como em esclarecidas visões em globalidade, com uma postura progressista do devir.

Aspecto que a sua vastíssima obra nunca descurou na sua agenda de investigação e ensino foi o papel da História como espaço de contextualização de saberes. o facto histórico. A solidez da sua formação em França, onde obteve o primeiro Doutoramento na Universidade de Toulouse (1953), a que se seguiu um segundo doutoramento em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Coimbra (1956), permitiu-lhe afeiçoar essa vertente de investigação em nome de uma História-ciência global. Livros como História e Conhecimento Histórico (Ed. Verbo, Col. Presenças, 1968, reeditada pelo CIJVS em 2022) constituem marcos de renovação de um pensamento historiográfico, que o magistério na Faculdade de Letras de Lisboa (a partir de 1961) veio fortalecer.

Nesse e outros ensaios de referência, é já a própria «História como manifestação de Arte» que se desenvolve como esteio do conhecimento científico do passado, ao destacar na prática historiográfica, para além do rigor heurístico, do seu imperativo sentido ético e do assento na análise das fontes primárias, o recurso fundamental a «ciências auxiliares» em que a Paleografia, a História da Arte, a Arqueologia, a Epigrafia, a Esfragística, a Numismática, a Etnografia, etc, tomam lugar e em que a iconografia e as bases imagéticas não podem deixar de ser consideradas como «meios ao serviço de um pensamento criador». O livro Santarém – História e Arte (1959), preito de homenagem ao património da sua cidade, insere-se nesse espírito.

A visão de conjunto defendida como marca da análise historiográfica tem de partir, diz Veríssimo Serrão, de um cuidadoso escopro microscópico adequado ao tecido estudado, em leitura micro-histórica (na linha de Carlo Ginzburg), atenta às fontes documentais e físicas que melhor o possam iluminar. O olhar diacrónico e sincrónico lançado sobre comportamentos periféricos que se agigantam – o papel, por exemplo, dos procuradores

dos mesteres de Évora, o barbeiro João Barradas e o borracheiro Sesinando Rodrigues, liderando as famosas alterações anti-filipinas de 1637 -- permite explicar melhor, em cores de esclarecimento, o pulmão humano que dá sentido aos factos históricos (ver O Tempo dos Filipes em Portugal e no Brasil (1580-1668), Lisboa, Colibri, 1994, pp. 27-31).

O interesse de Veríssimo Serrão pelas questões da Cultura, da Arte e também da Literatura -- como referenciais de uma visão histórica em globalidade -- encontra-se já em estudos de início de carreira. É o caso do ensaio que dedicou ao poeta santarenho Guilherme de Azevedo (A mundividência na poesia de Guilherme de Azevedo, Santarém, 1948), poeta ‘realista’ e pioneiro do movimento republicano, e do conjunto de trinta textos a que chamou ‘Fragmentos de Oiro’ (1947-1948), saídos no Correio do Ribatejo, dedicados a alguns dos melhores sonetistas portugueses desde Camões e Diogo Bernardes aos contemporâneos (série que mereceu estudo de conjunto da saudosa historiadora Maria Teresa Lopes Moreira), selecção que merecia ser reunida e publicada).

A sua obra incidiu muito nos humanistas do século XVI como António de Gouveia, Diogo de Teive, Francisco Sanches e Manuel Álvares, pensadores livres em difíceis tempos de censura inquisitorial, mostrando constante interesse pela liberdade de criação, expresso nos três tomos da ‘Historiografia Portuguesa’ (Verbo, 1972-74). A inovação decorre das investigações inéditas, mãos dadas com a vertente pedagógica, com princípios e métodos em que formou gerações de alunos e seguidores, portugueses e estrangeiros.

A vertente por uma História Política como História Cultural alia-se ao sentido de defesa do património, seja ele edificado, artístico, documental ou arquivístico. O imperativo da salvaguarda sempre esteve presente na sua agenda. O esforço de constituição do Arquivo Distrital de Santarém, por exemplo, decorre da dinâmica que imprimiu à História Regional e Local. Mas é o caso da Torre do Convento da Trindade, salva da demolição in extremis, que merece maior referência dado o impacto público que o assunto mereceu. A conservação da vetusta Torre setecentista do antigo Convento da Trindade, hoje integrada e a dominar no espaço da Escola Prática de Cavalaria, deve-se a Veríssimo Serrão.

Ontem como hoje, a afirmação e participação da sociedade civil na salvaguarda do património é fundamental; se em 1954-55 estes bens eram tão pouco considerados, maior valia tem a sua intervenção, ao conseguir evitar uma destruição totalmente

desnecessária, dado o estado de conservação da torre, e gravosa para a imagem histórica da cidade. Esta vitória cívica pode considerar-se, aliás, um grande estímulo para o movimento que viria a dar origem à Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém, nascida em 1977.

O que restava da igreja e adjacências do velho mosteiro gótico dos frades trinitários foi demolido pelo camartelo municipal nos anos 50 do século passado e só devido à intervenção do historiador pôde escapar a torre setecentista. Um dinâmico movimento cívico em sua defesa agitou as forças vivas de Santarém, em 1954, em que interveio também o Engº Zeferino Sarmento e o pintor Augusto Braz Ruivo, enfrentando forças vivas poderosas, e conseguiu em boa hora reverter a decisão e travar o crime lesapatrimónio que se anunciava. Assim foi salva a torre, que constitui um emblemático ex-líbris da cidade, dominando o conjunto da Escola Prática de Cavalaria, espaço mítico da Revolução do 25 de Abril. Era imperioso, também, travar outros processos destrutivos e pugnar pela salvaguarda integral do centro histórico da cidade, tarefa para a qual deixou vários contributos (Cf. ‘Páginas da História de Santarém’, Academia Portuguesa da História, 2008).

A postura de Veríssimo Serrão assentou nestes grandes pilares: uma História-ciência assente no estudo exaustivo das fontes primárias, um magistério virado para o estímulo à investigação de temas portugueses e uma estrutura teórico-metodológica com signo de globalidade. É o olhar pluridisciplinar que lhe serve de âncora: a História de mãos dadas com outras disciplinas, como a Economia e a Sociologia, esteios de saberes melhor estabelecidos se deixarem perceber os anseios das comunidades nos diversos tempos em apreço. A teoria económica marxista, reconhece-o com desassombro no citado livro de 1968, «deu um impulso à investigação histórica, permitindo um melhor enquadramento da investigação em matéria social e económica: como viveram os homens em sociedade, de que ideias forjaram o espírito, qual a sua participação no quadro político do seu tempo, em que estratos sociais decorreu a sua vida, quais os seus anseios materiais – em suma, qual o valor do homem e a natureza da História ?».

Tem-se insistido muito na postura de Joaquim Veríssimo Serrão como sendo um historiador de corrente conservadora e pessoa alinhada politicamente com o Antigo Regime. Nada mais falso ! Na verdade, o que a sua biografia mostra é o oposto: intelectual de origens humildes (filho de uma família de camponeses da Sinterra), formado em Coimbra em tempos de chumbo, desde muito jovem surge alinhado como estudante na Universidade (e, depois, durante o leitorado em Toulouse) com posições

anti-salazaristas. Essa oposição ao regime prejudica-lhe por mais de uma vez a progressão na carreira universitária. Tendo pertencido ao M.U.D. Juvenil em Coimbra, justificou, por isso, vigilância apertada da PIDE, a organização repressiva do regime do Estado Novo, constando em matérias de denúncia em diversos relatórios (no livro de Paulo Marques da Silva ‘A PIDE e os seus informadores. O caso de Inácio’, Coimbra, Palimage, 2017, incluem-se várias denúncias contra Veríssimo Serrão nos relatórios secretos desse esbirro da PIDE). Ainda em 1962, sendo já professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, envolveu-se na célebre greve académica, violentamente reprimida pelo regime salazarista. À data, o então Reitor, Prof. Marcello Caetano, demitiu-se do cargo por discordâncias com os métodos de repressão usados contra os estudantes.

A amizade profunda com Marcello Caetano -- convívio que remontava a 1959, depois de se terem conhecido num congresso no Brasil, e que os acontecimentos de 1962 cimentaram -- , levou Veríssimo Serrão a acolher com expectativa, a seguir à morte de Salazar, aquilo que muitos portugueses acreditaram então poder ser a abertura do regime do Estado Novo por via reformista. A dureza da repressão policial prosseguia e o ambiente escaldante envolvendo as guerras coloniais e as lutas sociais eram pouco propícias a reformas e, muito menos, às anunciadas «aberturas» da chamada «primavera marcelista» no sentido de acabar com a Ditadura e restaurar a Democracia em Portugal. É nessas circunstâncias muito difíceis que Veríssimo Serrão aceitará o convite para ser Reitor da Universidade de Lisboa (1973-1974), cargo que assumia à data da Revolução do 25 de Abril de 1974. Em annus horribilis, em que eram impossíveis quaisquer medidas, como se dizia, «liberalizantes», vemo-lo nesse cargo, apesar de tudo, a proteger professores e alunos perseguidos e a tentar pontes dialogais com o regime, mas que a conjuntura tornava impossíveis. Exonerado do cargo no calor das paixões que se seguiram ao derrube da Ditadura e, também, temporariamente saneado da docência universitária (o que especialmente o magoou por ser unanimemente considerado professor de excelência), viveu a fase mais difícil da sua vida. Aproveitou esses anos, porém, para mergulhar num projecto a que dedicou renovado entusiasmo: a redacção de uma monumental História de Portugal pensada para vinte volumes e publicada pela editorial Verbo a partir de 1977 (de que saíram dezanove tomos).

O facto de, ao contrário de quase todos os seus antigos apoiantes, manter relações fraternas com Marcello Caetano, o último presidente do Conselho de Ministros do regime deposto, levou-o a visitá-lo amiúde no exílio brasileiro, daí resultando uma

abundante troca de correspondência (trezentas cartas, só em parte publicadas no livro ‘Marcello Caetano -- Confidências de Exílio’, Verbo, 1985), que constitui uma fonte riquíssima sobre o período conturbado que precedeu e sucedeu ao 25 de Abril e que permite melhor compreensão de alguns dos acontecimentos, nacionais e internacionais, então ocorridos, e a complexidade dos papéis protagonizados por muitas figuras envolvidas. Segundo o autor, «...para fortalecer essa amizade que era de afecto e estímulo da sua parte e de respeitosa consideração da minha, desloquei-me nos anos de 1978, 1979 e 1980 ao Rio de Janeiro para o acompanhar no dia do seu natalício, a 17 de Agosto»....

A correspondência trocada com Marcello Caetano mereceu ser em parte divulgada no livro de 1985, e não pôde merecer a atenção devida por parte do público devido ao clima de plurais paixões com que a obra foi recebida, entre incomodidade e manifesto júbilo por parte de saudosistas do regime deposto, que viram em Veríssimo Serrão, injustamente, um prosélito do salazarismo. Foi assim que as coisas se passaram: tal livro só poderia mesmo receber referências distorcidas, leituras pessoalizadas, aproveitamentos abusivos e deslocadas paixões, à margem do seu evidente interesse histórico. Mas não subsistem dúvidas de que, libertos do seu lastro de polémica, tanto o livro como a documentação em que assenta (conservada no arquivo do CIJVS sob reserva científica, e ainda parcialmente inédita) virão a merecer da parte dos historiadores do futuro outra atenção como fonte histórica relevante.

O mesmo se diga do imenso fundo de correspondência trocada por Veríssimo Serrão com gerações de seus pares, portugueses e estrangeiros. Esse acervo encontra-se depositado no Centro de Investigação Prof. Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS), criado pelo Município de Santarém em 1 de Março de 2011 para acolher o espólio bibliográfico e documental do historiador, por si doado à Câmara Municipal, com direcção de um seu discípulo e amigo, o Prof. Doutor Martinho Vicente Rodrigues.

O Centro foi criado tendo como base e maior activo a doação feita pelo historiador, aceite na Sessão de Câmara de 9 de Novembro de 2009, tendo a sua abertura decorrido a 26 de Maio de 2012. O CIJVS está instalado na Casa de Portugal e de Camões no antigo Presídio de Santarém, conservando mais de 38 mil livros, medalhas, condecorações, quadros e centenas de pastas com documentos pertencentes ao arquivo pessoal do doador. A melhor maneira de homenagear Veríssimo Serrão é, por certo, dar o pleno desenvolvimento a este projecto, tal como foi imaginado por si, dinamizando-o

como casa de saberes partilhados: um centro de cultura, de investigação e de pesquisa que estimule a História-Ciência no seio das novas gerações.

Em síntese: a figura, a obra científica, o percurso intelectual e a carreira de docência universitária são partes de uma vivência que se confunde, naturalmente, com um difícil arco temporal que contém, necessariamente, aspectos controversos. Mas o traço do historiador-humanista está sempre presente. É unânime destacar, a par do rigor do historiador e do brilho do pedagogo e conferencista, a sua generosidade, o respeito pelos outros e a coragem para agir sempre acima de freios ideológicos e de distinções político-partidárias.

Não se pode esquecer, ainda, a sua acção de renovação da Academia Portuguesa da História, a que presidiu desde 1975 e até à jubilação (sendo substituído pela Prof. Manuela Mendonça, sua discípula, mas mantendo-se como Presidente de Honra da instituição), e no impulso dado à criação do Instituto Politécnico de Santarém (IPS), de que foi primeiro presidente. A longa carreira foi distinguida com títulos da maior relevância, como sucedeu em 1995 com o Prémio Príncipe das Astúrias em Ciências Sociais. Foi académico efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e pertenceu a outras instituições científicas como a prestigiada Academia de Yuste, em Espanha. Em 9 de Junho de 2006 foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago de Espada.

As suas palavras de síntese são todo um programa de vida e uma coerente agenda de trabalho na senda de mais saberes em torno dos factos históricos: «Animado pelo amor ao ofício de historiador e orientado pela procura da inteligibilidade dos fenómenos históricos – que envolve aturado estudo e conhecimento das fontes documentais – dediquei uma especial atenção à presença dos humanistas portugueses na cultura europeia de Quinhentos, à história local, com particular atenção por Santarém, à formação do Brasil, assim como à historiologia portuguesa e às figuras axiais da vida política portuguesa nas últimas décadas do Antigo Regime e início do Liberalismo».

A terminar, uma reflexão pessoal, enquanto filho e enquanto historiador de arte cuja linha vocacional e carreira devo ao estímulo paterno. É-me difícil falar de alguém a quem me ligam vínculos tão apertados: existe, além da dimensão do historiador e professor, a dimensão vivenciada. Além desta, a Morte, a ausência, são feridas permanentes que não se explicam mas se sentem no silêncio das estantes de uma biblioteca, na intrincada derivação dos afluentes da memória ou mesmo na ardência dos poros.

Nunca como neste nosso tempo o acto de estudar, investigar, ensinar História – e seus correlativos saberes humanísticos, da História da Arte à Arqueologia, à Filosofia e à Antropologia -- foi tão importante neste nosso país e neste nosso mundo. Mesmo que «a História (seja) essa certeza que se produz no ponto em que as imperfeições da memória se cruzam com as insuficiências da documentação», como nos diz o historiador francês Patrick Lagrange, referencial fictício imaginado pelo romancista Julian Barnes no seu maravilhoso livro ‘O Sentido do Fim’... Mas, por isso mesmo, mais essencial se torna este desejo de prescrutar para além do silêncio dos tempos e dos velhos reinos das nuvens: e esse é o verdadeiro sentido da História-Ciência.

O tempo escorre sempre como espuma fina, desprega-se da cal dos muros, abre rugas de estrada e, por vezes, senti-lo é algo de nostálgico em demasia. As recordações pesam, atravessam-nos no caminho. Recorde-se Ruy Belo, outro poeta de referência de Veríssimo Serrão, em ‘Aquele Grande Rio Eufrates’, livro que, estranha coincidência !, é precisamente de 1961 tal como a imagem desbotada em que me revejo a caminhar com meu pai, em manhã de Inverno, em plena Praça dos Restauradores. Um dos poemas é de ausência, e diz assim: «... Mas hoje o sol / morreu como qualquer de nós / Ficou tão triste a gente destes sítios / Nunca foi tão depressa noite neste bairro». Já um outro, mais sereno e optimista, traz este luminoso testemunho: «... Dia a dia mal o sol subir pela manhã acima / e alcançar conveniente altura / escreverei em tua honra esse poema a que a tarde virá / pôr / um ponto final tão rubro como um poente / e chamar-lhe-ei o poema de um dia».

VÍTOR SERRÃO

(publicado no *Correio do Ribatejo* de 4 de Julho de 2025)





Veríssimo Serrão com o filho Vítor